

## **Relatos de experiência em estágio profissional: a ilha, o continente e os diferentes olhares da psicologia**

Clariana Claro<sup>1</sup>  
Keli Daiane da Luz<sup>2</sup>  
Letícia Wilke Franco Martins<sup>3</sup>

**Resumo** O presente trabalho pretende expor dois relatos de experiência em estágio profissional I no curso de Psicologia, na Instituição de ensino superior Cesuca Faculdade, localizada na cidade de Cachoeirinha-RS, região metropolitana de Porto Alegre-RS. O estágio curricular desta Instituição é dividido em três semestres, totalizando dezoito meses. Sua premissa é a aquisição e aprimoramento de habilidades essenciais para a profissão, momento em que o estudante concilia a teoria com a prática. A Psicologia é construída de diversos olhares abordagens teóricas, e nestes relatos de experiência serão demonstradas a atuação do estagiário de Psicologia no contexto clínico norteado pela abordagem Psicanalítica, e também a atuação em saúde pública orientada pela abordagem Humanista. Cada estagiária escolheu um paciente/cliente para transcrever sua experiência como psicóloga em formação. Com o suporte teórico, compreendemos os indivíduos que foram citados neste estudo, a partir de um viés qualitativo. A escrita deste trabalho levou à reflexão de alguns dos sentimentos experimentados pelos estagiários frente a seus primeiros pacientes/clientes. Encontramos diferentes olhares e formas de atuação, porém semelhanças descobertas em relação aos sentimentos vivenciados pelas estagiárias nessa fase da graduação. Durante o caminho acadêmico nos irrigamos de conhecimento teórico e de algumas experiências práticas, mas somente quando nos encontramos no processo de estágio profissional que percebemos o quanto foi aprendido durante essa trajetória. Comparamos essas vivências descritas neste trabalho com o filme da Disney, "*Moana: Um Mar de Aventuras*". Podemos assemelhar a iniciação profissional com o mar imenso que a personagem se depara no filme, um mar a ser descoberto e desvendado.

**Palavras-chave:** Estágio profissional; Paciente; Atuação em Psicologia.

**Abstract** This paper intends to present two reports of professional experience I in the Psychology course, at the Cesuca College, located in the city of Cachoeirinha-RS, metropolitan region of Porto Alegre-RS, the curricular traineeship of this Institution is divided into three semesters totaling eighteen months, his premise is that the academic achieve acquisition and improvement of skills essential to the profession, at which time the student conciliates theory with practice. Psychology is constructed from several theoretical approaches, and in these reports of experience will be demonstrated the performance of the trainee of Psychology in the clinical context guided by the Psychoanalytic approach, as well as the performance in public health guided by the Humanist approach. Each trainee chose a patient / client to transcribe her experience as a trainee psychologist. With the theoretical support, we understand the individuals that were cited in this study, from a qualitative bias. The writing of this work led to the reflection of some of the feelings experienced by the trainees in front of their first patients / clients. We find different looks and ways of acting, but similarities discovered in relation to the feelings experienced by the trainees in this phase of graduation. During the academic

<sup>1</sup> Acadêmica Cesuca Faculdade Inedi, Cachoeirinha, Rio Grande Sul, Brasil. E-mail: [cclaro@hcpa.edu.br](mailto:cclaro@hcpa.edu.br)

<sup>2</sup> Acadêmica Cesuca Faculdade Inedi, Cachoeirinha, Rio Grande Sul, Brasil. E-mail: [kelidaine@gmail.com](mailto:kelidaine@gmail.com)

<sup>3</sup> Professora da disciplina de Estágio Profissional de Psicologia Cesuca Faculdade Inedi, Cachoeirinha, Rio Grande sul, Brasil. E-mail: [leticiafranco@cesuca.edu.br](mailto:leticiafranco@cesuca.edu.br)

journey we irrigate ourselves with theoretical knowledge and some practical experiences, but only when we are in the process of professional internship that we perceive how much was learned during this trajectory. We compare the experiences described in this work with the Disney movie, "Moana: A Sea of Adventures". We can resemble the professional initiation with the immense sea that the character faces in the film, a sea to be discovered and unveiled.

**Keywords:** Professional internship; Patient; Performance in psychology.

## 1 DESBRAVANDO MARES E TERRAS

O presente trabalho trata-se de dois relatos de experiência de estagiárias na graduação de Psicologia, mais precisamente do Estágio Profissional, Neste momento da formação, o fazer psicológico deve configurar-se como uma ação reflexiva e crítica nos diferentes âmbitos da psicologia, de forma orientada e acompanhada sistematicamente através de supervisão local e orientação acadêmica e com base nos princípios éticos e legais da profissão. O primeiro relato denominado de “A ilha”, foi realizado no ambulatório de uma clínica de orientação psicanalítica em Porto Alegre, com atendimentos semanais desde dezembro de 2016. O segundo relato denominado “O continente”, foi realizado em uma Unidade Básica de Saúde da região metropolitana, com foco na abordagem humanista, com atendimentos em grupo mensais desde março de 2017. Este trabalho refere-se à relatos de experiência no contexto clínico, tendo as intervenções clínicas como base da nossa escrita.

O método clínico apoia-se numa relação profunda entre pesquisador e pesquisado. E utilizado, principalmente, na pesquisa psicológica, onde os pesquisados são indivíduos que procuram o psicólogo ou o psiquiatra para obter ajuda. O método clínico tornou-se um dos mais importantes na investigação psicológica, sobretudo depois dos trabalhos de Freud. Sua contribuição à Psicologia tem sido muito significativa, particularmente no que se refere ao estudo dos determinantes inconscientes do comportamento. Todavia, o pesquisador que adota o método clínico deve cercar-se de muitos cuidados ao propor generalizações, visto que esse método se apoia em casos individuais e envolve experiências subjetivas (Gil, 1994).

## 2 A ILHA

Minha escolha por falar desse caso, tem muito a ver com minha concepção de construção terapêutica. Diante inúmeras experiências e compartilhamentos realizados comigo e também com os demais acadêmicos, o que mais intrigava-me era o fato do paciente não verbalizar. Afinal, a Psicologia não implicaria a cura pela fala? Mesmo sabendo que existem outros tipos de comunicar-se e quanto o silêncio poderia me dizer daquela paciente, o medo estava lá. Essa insegurança e medo me fazem lembrar de Moana, a personagem de um filme

<sup>1</sup> Acadêmica Cesuca Faculdade Inedi, Cachoeirinha, Rio Grande Sul, Brasil. E-mail: [cclaro@hcpa.edu.br](mailto:cclaro@hcpa.edu.br)

<sup>2</sup> Acadêmica Cesuca Faculdade Inedi, Cachoeirinha, Rio Grande Sul, Brasil. E-mail: [kelidaine@gmail.com](mailto:kelidaine@gmail.com)

<sup>3</sup> Professora da disciplina de Estágio Profissional de Psicologia Cesuca Faculdade Inedi, Cachoeirinha, Rio Grande sul, Brasil. E-mail: [leticiafranco@cesuca.edu.br](mailto:leticiafranco@cesuca.edu.br)

que desconstrói a ideia previamente concebida sobre as princesas, do mesmo jeito que desconstruiu minha ideia previamente concebida do que era ser terapeuta e do significado do silêncio.

Moana é uma princesa orientada pelo seu pai, para que herdasse as responsabilidades do cuidado com a sua aldeia, porém, sem saber bem qual a razão, Moana tinha uma ligação muito forte com o mar. No entanto, essa ligação poderia ser compreendida como algo desconhecido e intuitivo, um sentimento muito forte que a chamava de um modo estranho para o mar, algo que nem ela compreendia. Comparo esse sentimento com a minha escolha pela psicologia e pelo trabalho com a clínica, pois Moana e eu tínhamos nas mãos “objetos” e missões pouco explorados ou nunca antes “navegados”.

A princesa lúdica, Moana, tinha em suas mãos um objeto (o coração de uma ilha que havia sido roubado), que deveria ser devolvido para a sua dona, enquanto eu tinha em minhas mãos as palavras, para tentar devolver talvez um pouco de melhora à quem me procurava. Mas assim como Moana, eu não compreendia muito bem o que tinha em minhas mãos e nem para que caminho eu deveria seguir, então foi quando comecei minha saga contra a agressividade e principalmente contra o silêncio.

A paciente que escolhi falar nesse trabalho, é atendida na instituição onde realizo o meu estágio profissional (I, II e III). P tem 13 anos, institucionalizada e foi encaminhada para a terapia pela agressividade intensa que a mesma apresentava tanto na escola quanto na instituição (abrigo residencial). A mesma foi recebida por mim em dezembro de 2016, quando iniciei os atendimentos terapêuticos. Já nos primeiros atendimentos P. se apresentou agressiva, pois me agredia com palavras, mas também agredia à si fisicamente durante as sessões de atendimento, após os surtos a paciente mantinha longos períodos de silêncio que duravam semanas e até meses. Em suma, a paciente P. apresentava importantes sinais regressivos, psicóticos, agressivos e de difícil acesso, aspectos que dificultam o vínculo e principalmente a efetividade da terapia devido à baixa capacidade de adesão e possibilidade de aliança terapêutica.

Eis que minha primeira paciente, meu primeiro contato, olhar, posição e tom de voz, foi introduzido da maneira que para mim parecia ser a mais dura: com o silêncio. Claro que em tal situação me cobrava muito por não conseguir dar conta, de modo que pudesse ver uma melhora considerável na paciente, logo, germinavam vários dedos em riste, o que eu não percebia é que todos esses nasciam da minha própria mão. A nossa aprendiz navegadora Moana, também cobrava-se e incomoda-se quando não se saía muito bem nas suas tentativas de encontrar a tal ilha, para que desse modo pudesse devolver o tal coração e recuperar a sua aldeia.

Nesse momento eu pensava como me posicionar, o que dizer, pensar, errar, sentir, pois e agora? O que fazer com o que sentia? Como perceber que o que sentia não era meu e sim da

<sup>1</sup> Acadêmica Cesuca Faculdade Inedi, Cachoeirinha, Rio Grande Sul, Brasil. E-mail: [cclaro@hcpa.edu.br](mailto:cclaro@hcpa.edu.br)

<sup>2</sup> Acadêmica Cesuca Faculdade Inedi, Cachoeirinha, Rio Grande Sul, Brasil. E-mail: [kelidaine@gmail.com](mailto:kelidaine@gmail.com)

<sup>3</sup> Professora da disciplina de Estágio Profissional de Psicologia Cesuca Faculdade Inedi, Cachoeirinha, Rio Grande sul, Brasil. E-mail: [leticiafranco@cesuca.edu.br](mailto:leticiafranco@cesuca.edu.br)

paciente? Algumas dessas respostas ainda estão sendo respondidas, pois na prática a pressa e falta de paciência são palavras que inexistem. Incomodava-me ao perceber que usava minha terapia para trabalhar esse silêncio que me ensurdecia. Para Zimerman (1999) o setting é como uma “incubadora” onde o terapeuta tem um olhar atento ao seu paciente, oferecendo um ambiente acolhedor e seguro para que o processo terapêutico possa acontecer com naturalidade. Já para Winnicott (1963) o setting é um espaço transicional para paciente que tem um funcionamento mais regredido (que possuem um funcionamento psicológico prematuro), pois neste espaço poderá ser ofertado as possibilidades de desenvolvimento emocional neurótico.

Quando estamos muito perto das coisas, a imagem fica turva, imprecisa e difícil de enxergar e acessar. Assim, estando eu com uma lente de aumento e com a face colada na folha, seria impossível conseguir observar, ver, trabalhar e claro de acessar qualquer rabisco constituído sobre uma superfície. Moana também não compreendia quem era a Deusa em formato de ilha que procurava e por fim, deparou-se com um monstro de lava e fogo, extremamente agressivo que estava no lugar da “ilha”, impedindo que a princesa tivesse contato com a Deusa e assim pudesse devolver o seu coração que fora roubado.

Deste modo segui trabalhando com a paciente que, invadia minhas leituras, sono e conversa informal. Ao transferir para mim a agressividade, não a distinguia se esta era minha ou não. Conforme os insights aconteciam, o caminho começou a ser lubrificado e a aprendizagem passou a percorrer esse espaço com uma discreta efetividade.

E como podemos saber o que uma pessoa quer se ela não verbaliza? Então a resposta veio de uma maneira doce e maternal, compativelmente com a necessidade da paciente, ou seja, como fazem as mães que precisam atender seus filhos, por tentativa e erro. Na intenção de atender as expectativas desse filho a mãe também se frustra e precisa aprender a errar e aliviar esse sentimento de culpa.

Ao atender essa paciente, utilizava exatamente essa técnica, tentar acertar oferecendo subsídios que fossem suficientemente bons para ela se sentir segura, confiante e poder mostrar no setting o seu lado mais dolorido, aquele que ninguém gostará de ver. Ao me emprestar para ela, percebi que na contratransferência estava a resposta para minhas angústias e ansiedades. Winnicott (1963) fala sobre utilizar o silêncio à favor da terapia e aos poucos poder tolerá-lo para romper essa barreira da resistência. Nesse caso, fui preenchendo espaço com o que eu podia oferecer, logo, utilizei de livros e filmes como um elo da nossa relação. Eis que Moana também assim o fez quando expôs o coração da Deusa ilha para o alto, como um último ato de esperança para que pudesse chamar a atenção do monstro de lava e fogo, monstro esse que a impedia de chegar próximo à Deusa ilha.

Certa vez, quando trabalhava com ela no setting, eu tive um retorno da sua progressão e isso me fez sentir capaz de poder auxiliar alguém para enxergar suas capacidades, angústias

<sup>1</sup> Acadêmica Cesuca Faculdade Inedi, Cachoeirinha, Rio Grande Sul, Brasil. E-mail: [cclaro@hcpa.edu.br](mailto:cclaro@hcpa.edu.br)

<sup>2</sup> Acadêmica Cesuca Faculdade Inedi, Cachoeirinha, Rio Grande Sul, Brasil. E-mail: [kelidaine@gmail.com](mailto:kelidaine@gmail.com)

<sup>3</sup> Professora da disciplina de Estágio Profissional de Psicologia Cesuca Faculdade Inedi, Cachoeirinha, Rio Grande sul, Brasil. E-mail: [leticiafranco@cesuca.edu.br](mailto:leticiafranco@cesuca.edu.br)

e acolher suas frustrações e poder ser a “mãe suficientemente boa” de Winnicott (1961). Essa expressão utilizada pelo autor para simbolizar o alicerce da saúde mental na criança, onde essa mãe atende as necessidades do filho e também promove a autonomia, assim como eu tinha alguém que enxergasse as minhas capacidades e me auxiliava na minha construção como terapeuta. Vivenciar a melhora de um paciente é algo único, validador e potencializador para a minha escolha de trabalhar como Psicóloga. Moana também passou por isso quando enfrenta o monstro feroz, agressivo, furioso e ferido. O meu monstro vinha na representação do silêncio, da agressividade e da resistência da paciente, pois trabalhar com essa paciente regressiva, psicótica e de difícil acesso exigiu de mim uma disponibilidade psíquica e uma capacidade de emprestar-me que eu desconhecia que pudesse ter.

Ao abrir os olhos, me comparo à Moana no momento em que consegue despir-se das expectativas do que esperar quando iniciamos uma “saga” /trabalho com um paciente, poder ver que aos poucos e no tempo do paciente, é possível dar pequenos passos rumo à melhora e podemos juntos quebrar as resistências.

### 3 O CONTINENTE

O mar imenso que a personagem Moana desbrava no filme me põem a pensar no medo de errar e na incerteza que nos invadem ao nos depararmos com os primeiros pacientes sentados à nossa frente. Nesse caso o paciente é uma criança que convive com HIV, fazendo seu tratamento no SAE (Serviço de Atendimento Especializado em DST's HIV/AIDS), no contexto de saúde pública, o acompanhamento da Psicologia se dá através do grupo terapêutico infantil colateral. Compreendemos que no grupo terapêutico infantil por meio da ludoterapia possibilita um espaço no qual “(...) fornece um ambiente social tangível para a descoberta e experimentação de novos e mais satisfatórios modos de relacionamento com os iguais (HAIM, 1979, p.22)”.

Os participantes desse grupo não tem a revelação diagnóstica até o momento, estão em processo de fortalecimento emocional, etapa que antecede a revelação diagnóstica. Segundo o Centro de Referência Técnica em Políticas Públicas (CREPOP) foi concluído que a revelação deve ser realizada pelo psicólogo quando a criança estiver preparada para receber, também existe a questão do segredo a criança/jovem deve saber guardar segredo. “Porém, não são todas as crianças que estão preparadas para receber o diagnóstico [...]. Guardar segredo é condição fundamental para a revelação diagnóstica, pois há muito preconceito na sociedade atual em torno das questões do HIV/aids [...]”. (CREPOP, 2009). Assim como no filme que escolhemos para associar as nossas experiências essas crianças vivem com o desconhecido, com a sensação de que existe algo mais sem saber como é o rosto desse segredo escrito nas entrelinhas de suas vidas. Passo a passo vão se aproximando da verdade indo de encontro a “ilha”.

<sup>1</sup> Acadêmica Cesuca Faculdade Inedi, Cachoeirinha, Rio Grande Sul, Brasil. E-mail: [cclaro@hcpa.edu.br](mailto:cclaro@hcpa.edu.br)

<sup>2</sup> Acadêmica Cesuca Faculdade Inedi, Cachoeirinha, Rio Grande Sul, Brasil. E-mail: [kelidaine@gmail.com](mailto:kelidaine@gmail.com)

<sup>3</sup> Professora da disciplina de Estágio Profissional de Psicologia Cesuca Faculdade Inedi, Cachoeirinha, Rio Grande sul, Brasil. E-mail: [leticiafranco@cesuca.edu.br](mailto:leticiafranco@cesuca.edu.br)

Assim como o silêncio nos anseia por palavras, as palavras em excesso também podem nos deixar em estado de aflição. Sem poder revelar nada ao paciente, me deparo questionando meu próprio eu, - Saberei interpretar o que são questões relacionadas à doença? - Irei compreender a angústia que ele traz ao falar sempre em morte nas sessões? Enfim um ser tão pequeno com um universo tão único e imenso. Assim como a princesa Moana, o que resta é buscar em minhas forças internas a coragem que preciso para enfrentar o desconhecido.

A fala que perturba quem não pode trabalhar os assuntos latentes presentes na sessão, me põe a fazer aquilo que está ao meu alcance: desenvolver responsabilidade e respeito pela história dos paciente. Isso de fato é um exercício constante, perceber que não é o nosso tempo que está em questão e sim o tempo que o paciente precisa para internalizar e compreender suas questões.

Sinto que quando não podemos explorar aquilo que é trazido na conversa incessante de uma criança de oito anos, o que resta é sentir um alívio por essa fala não trazer consigo questionamentos. Apenas ouvir e compreender aquilo que invade nossos ouvidos. A escuta ativa se torna mais complexa quando o nosso papel é apenas esse, escutar e fornece um ambiente empático para essa escuta. “O termo “empatia” foi criado pela psicologia clínica para indicar a capacidade de se imergir no mundo subjetivo do outro e de participar de sua experiência, na extensão em que a comunicação verbal e não-verbal o permite.” (ROGERS & KINGET, 1975a, p.104).

Acessar o mundo interno de alguém não é algo simples, de fato devemos nos vestir de uma responsabilidade imensa, pois compreendemos que o processo de construção ou muitas vezes desconstrução também é vivenciado pelo terapeuta. Tornar-se Psicólogo pode ser comparado a um grande continente, pois desbravar um imenso continente leva um tempo e mesmo assim temos sempre algo novo a ser descoberto, assim se faz o terapeuta em construção sempre podemos aprender, aprimorar, amadurecer, indo em busca do melhor que podemos ser. Ao longo dos dias vamos enxergando além de uma “casca” como o suposto monstro da animação Moana, vamos conseguindo acessar a essência do outro, sem julgamento.

Quando visando um atendimento com base na teoria de Rogers estamos dispostos a manter uma postura de “ação interpessoal evoluída – cooperativa, respeitosa, destituída de elementos de autoridade indevida ou de intenções manipuladoras.” (ROGERS & KINGET, 1975b, p.91). Podemos compreender que Rogers nos instrui a respeitar a atmosfera (espaço) do usuário, permitindo que o mesmo se torne responsável por suas escolhas, sendo assim o terapeuta da ACP torna-se apenas um facilitador do processo terapêutico do paciente, criando

<sup>1</sup> Acadêmica Cesuca Faculdade Inedi, Cachoeirinha, Rio Grande Sul, Brasil. E-mail: [cclaro@hcpa.edu.br](mailto:cclaro@hcpa.edu.br)

<sup>2</sup> Acadêmica Cesuca Faculdade Inedi, Cachoeirinha, Rio Grande Sul, Brasil. E-mail: [kelidaine@gmail.com](mailto:kelidaine@gmail.com)

<sup>3</sup> Professora da disciplina de Estágio Profissional de Psicologia Cesuca Faculdade Inedi, Cachoeirinha, Rio Grande sul, Brasil. E-mail: [leticiafranco@cesuca.edu.br](mailto:leticiafranco@cesuca.edu.br)

um espaço livre de julgamento onde o mesmo possa sentir-se aceito quando o terapeuta transmite a ele a atitude de consideração positiva. (ROGERS & KINGET, 1975a, p.75).

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS: A CERTEZA DE QUE NOVOS MARES E TERRAS SERÃO DESBRAVADOS**

Em suma, podemos contar um pouco sobre as nossas primeiras experiências como estagiárias de Psicologia e como elementos antagonicos podem ser igualmente ansiogênicos, mesmo em contextos diferentes. Isso reforça a ideia do respeito à subjetividade e singularidade do indivíduo, pois como estagiárias percebemos e sentimos as relações com as experiências como uma lanterna, que pode iluminar as diversas possibilidades de conhecimento. Na graduação formamos vínculos com colegas que são semelhantes a nós, outros diferentes, mas que nos complementam de alguma forma, então ao chegar à reta final do curso percebemos que a nossa rede profissional já está sendo construída, pois apesar de locais diferentes e abordagens distintas a essência de terapeuta se mostra semelhante. Olhar para um colega e sentir orgulho da evolução que tivemos do iniciar até o momento é algo extremamente gratificante.

Ao nosso ver toda preparação acadêmica é de fato apenas base da formação de um Psicólogo, pois essa profissão lida com questões subjetivas do ser humano, contudo compreendemos que a busca por conhecimento é um componente importante para consolidação profissional. De fato nossa trajetória no estágio profissional em Psicologia será de constante aprendizagem assim como foi construída a formação até esse momento. Percebemos, inclusive ao escrever esses relatos, que exercer Psicologia foi e continua sendo o nosso desejo, sendo necessário extrema responsabilidade, preparação e dedicação à profissão que vamos desempenhar.

#### **REFERÊNCIAS**

CREPOP. **Práticas inovadoras**. Conselho Federal de Psicologia (CFP)/Centro de Referência Técnica em Políticas Públicas (CREPOP), n.1. Brasília, 2009.

GIL, A. C. **Metodologia do ensino superior**. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 1994.

HAIM, G. G. **Psicoterapia de grupo com crianças**. Belo Horizonte: Interlivros, 1979.

**Moana Um Mar de Aventuras**. Dir. John Musker, Ron Clements. Prod. Walt Disney Animation Studios. Walt Disney Pictures. 2016. (Filme/animação).

<sup>1</sup> Acadêmica Cesuca Faculdade Inedi, Cachoeirinha, Rio Grande Sul, Brasil. E-mail: [cclaro@hcpa.edu.br](mailto:cclaro@hcpa.edu.br)

<sup>2</sup> Acadêmica Cesuca Faculdade Inedi, Cachoeirinha, Rio Grande Sul, Brasil. E-mail: [kelidaine@gmail.com](mailto:kelidaine@gmail.com)

<sup>3</sup> Professora da disciplina de Estágio Profissional de Psicologia Cesuca Faculdade Inedi, Cachoeirinha, Rio Grande sul, Brasil. E-mail: [leticiafranco@cesuca.edu.br](mailto:leticiafranco@cesuca.edu.br)

ROGERS, C. R. & KINGET, M. G. **Psicoterapia e Relações Humanas**. Volume 1. Belo Horizonte: Interlivros, 1975a.

ROGERS, C. R. & KINGET, M. G. **Psicoterapia e Relações Humanas**. Volume 2. Belo Horizonte: Interlivros, 1975b.

WINNICOTT, D.W.; **Explorações psicanalíticas**. Porto alegre: Artes médicas, 1994.

ZIMERMAN, D. E. **Fundamentos psicanalíticos: teoria, técnica e clínica**. Porto Alegre: Artmed, 1999.



<sup>1</sup> Acadêmica Cesuca Faculdade Inedi, Cachoeirinha, Rio Grande Sul, Brasil. E-mail: [cclaro@hcpa.edu.br](mailto:cclaro@hcpa.edu.br)

<sup>2</sup> Acadêmica Cesuca Faculdade Inedi, Cachoeirinha, Rio Grande Sul, Brasil. E-mail: [kelidaine@gmail.com](mailto:kelidaine@gmail.com)

<sup>3</sup> Professora da disciplina de Estágio Profissional de Psicologia Cesuca Faculdade Inedi, Cachoeirinha, Rio Grande sul, Brasil. E-mail: [leticiafranco@cesuca.edu.br](mailto:leticiafranco@cesuca.edu.br)